

## Seminário de Filosofia. Rio de Janeiro, 05 de julho de 2001<sup>1</sup>

Olavo de Carvalho

Estávamos tentando retratar a evolução do pensamento do Voegelin (na aula anterior), começando com o estudo dele da constituição austríaca, e depois os dois livros sobre a evolução da idéia de raça – um se chama a “História da Idéia de Raça” e o outro “Raça e Estado” – e nesse estudo ele vai perceber que os elementos ideológicos do discurso não se prestam à descrição do mundo objetivo, não têm referência ao mundo objetivo, mas são uma auto-referência que expressa a identidade de um certo grupo político. Portanto, o discurso racial nada diz sobre a raça a respeito da qual ele fala, mas diz sobre o grupo que pensa isso. E se destina precisamente a isso. Não expressará traços identificáveis com a raça biologicamente considerada, porém aquilo que os membros do grupo, que falam da raça, precisam pensar para se sentir membros do grupo. É o modo de cada indivíduo se identificar com o grupo, é o *grupo dos que pensamos que a raça tal é x ou y*. Se você analisar o discurso racial atual com isso aqui, você já faz um desgraça. Se bem que hoje nós já passamos para uma outra etapa, onde o discurso racial hoje é assumidamente político. E diz na sua cara que *negro é um conceito político*. Então esse é um conceito ideológico auto-assumido, com o adendo de que todo discurso é ideológico, de que tudo no mundo é ideologia e disfarce de interesses de grupos, o que também evidentemente é um pressuposto ideológico. Se existe algo que você não pode provar é isso aí, de que todo o discurso é ideológico. Isso é impossível de se provar. Se você parte disso, então é evidente que você nada provará a respeito dos discursos dos quais você está falando, mas você terá um forte elemento unificador no seu próprio grupo. Se todos os discursos são ideológicos, essa aqui é a nossa ideologia e do outro lado estão os da ideologia contrária; se você afirma isso aqui você é um dos nossos, senão você é do lado de lá. Isso quer dizer que com esse processo da linguagem ideológica – que é um fenômeno moderno, você não pense que ideologia sempre existiu, não, ideologia existe a partir de uma certa data – com essa introdução do elemento ideológico no discurso é evidente que as funções da linguagem vão sendo reduzidas até que funcione mais ou menos como feromônios. Como cheiros que um lobo emite para ser reconhecido pelos membros de sua alcatéia, e pelos de outra como sendo de outra alcatéia. A linguagem humana vai perdendo suas características humanas e entrando na comunicação animal. Hoje em dia você vê claramente que há escritos inteiros que se lidos como representações do mundo objetivo não podem enganar nem uma criança e no entanto as pessoas lêem e não percebem nada. Por quê? Porque a noção de mundo objetivo foi perdida, só tem o auto-reconhecimento, o sujeito emite os sinais para que possamos reconhecê-lo como um dos nossos. As obras completas do Dr. Emir Sader são pura comunicação animal, e sempre que você for verificar do que ele está falando, não está falando de nada, e eu não estou exagerando, não estou falando mal do Emir Sader, eu analisei os textos e eles são assim mesmo.

Quando houve uma série de artigos que ele fez usando o seguinte procedimento retórico: ele pegava a definição de um crime qualquer, em seguida transformava isso numa metáfora. Por exemplo, estupro: *muito mais estuprador do que um estuprador é o FHC, porque assim, assim...* seria o estupro econômico. É óbvio que isso em termos de representação do mundo exterior não quer dizer nada. Ele não está falando sobre nenhuma coisa que você possa identificar, está apenas fazendo um similis muito remoto entre um crime e os efeitos que ele calcula que determinadas políticas econômicas viriam a ter indiretamente. Então, a partir da hora em que você se acostuma a ler uma coisa dessas, você já está adestrado para jamais procurar no texto ou no discurso o objeto do qual ele está falando, mas simplesmente buscar ali o reconhecimento da sua patota. O contrário também, há o reconhecimento do seu grupo e o terror, o pânico do grupo contrário,

---

<sup>1</sup> Transcrição feita por Fernando Antonio de Araujo Carneiro - Sem revisão do professor

como quando você diz que “a prisão de Pinochet na Inglaterra é um absurdo jurídico” e alguém conclui que você é a favor da tortura. É claro que essa leitura é frequentemente equivocada nos dois sentidos. Esse processo de reconhecimento não tem nem a eficácia da comunicação animal. Mas notem bem que isso que eu estou falando não é um modo de dizer, não é uma expressão enfática, é uma descrição objetiva desse processo. O teste é esse, você examinar das duas maneiras. Você examine aquilo como representação do mundo objetivo, e pergunte a que fenômenos perfeitamente identificáveis aquele discurso se refere. Quando você tenta, a partir das indicações dadas no texto, referir a um fenômeno, você vê que não há nenhum, no máximo a expressão de uma emoção pessoal em face de um fenômeno suposto. O autor está, no máximo, falando de si mesmo. O conteúdo objetivo seria só isso, mas isso é quase nada. O sujeito está dizendo: *não gosto disso, não suporto isso, me dói*. Escrever um artigo inteiro para dizer isso, é claro que o artigo tem uma função a mais além dessa, repetir os sinais de reconhecimento. Isso tem função de xixi de cachorro. Não é assim? Xixi de cachorro tem um vocabulário. Conforme o cheiro da urina você sabe mais ou menos a idade do outro, se ele é desse bairro ou de outro. Estude um pouquinho comunicação animal e você vai ver que é exatamente isso. O bicho dá uma informação como você mostra uma carteirinha do clube. Ou como ocorre nas tribos africanas, as roupas, os escudos, isso tudo é um vocabulário, e você vendo isso você fica sabendo de que tribo é, de que família é, qual a função dentro da tribo, idade. É um reconhecimento, só que automático e mudo. É uma informação tão corriqueira, tão banal, tão primária, que ela é passada na própria roupa, você não precisa falar. Mas hoje as pessoas fazem discursos inteiros só para esse fim. Com um pouquinho de atenção você percebe a imensa gravidade antropológica desse fenômeno. Quando Konrad Lorenz falava da demolição do homem, da perda de certas capacidades específicas da espécie humana como fenômeno antropológico, um dos sinais que identificamos é esse aí, a linguagem humana vai sendo rebaixada de função até se tornar um substitutivo inferior da comunicação animal. Inferior por quê? Porque no animal o reconhecimento é instantâneo e no ser humano não, é preciso ler um artigo inteiro, às vezes um livro inteiro. Essa é a pós-linguagem do Rosenstock. Taí uma tese de doutoramento: a mutação das funções da linguagem, onde a função de representação objetiva vai diminuindo, a própria função de expressão também diminui, o indivíduo quando fala não está realmente se expressando, apenas exibindo um emblema convencional de pertinência a determinado grupo. Lendo jornal se vê que 80% não passa disso.

Também é por isso que quanto mais atenção você lê esses textos menos você entende, porque a quantidade de informação é pequena. Se você tentar esmiuçar aí é que você vai se atrapalhar todo, porque isso foi feito para leitura superficial e você só pode compreender através da leitura superficial.

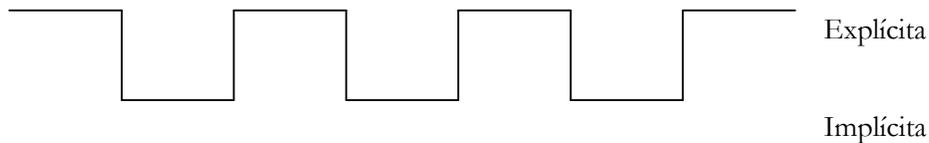
Quando o Voegelin percebe essa função de auto-identificação que há no discurso ideológico, ele tenta, em um primeiro instante, aplicar isso aí à compreensão dos movimentos totalitários como nazismo e comunismo, e diz ele que por não possuir ainda os conceitos necessários recorrerá ao conceito provisório de religiões políticas. Essa imagem de que esses movimentos são *religiosos* ainda está em circulação, e ela resulta de uma projeção feita a partir da própria ideologia liberal modernista, a qual sendo agnóstica e cientificista considera todo o fenômeno religioso como arcaísmo, como um retorno à idade das trevas. Diante de fenômenos como nazismo e comunismo, que não podem ser explicados em termos do interesse racional do homo economicus, que é o padrão de racionalidade admitido pela teoria liberal, resta explicá-los como revivescências de crenças arcaicas. E o Voegelin lança seu livro “Religiões Políticas”, mas logo percebe que sua tese está furada. Furada porque a própria ideologia liberal, que produz essa explicação, é também uma ideologia no fim das contas. É fácil perceber que não há prova nenhuma, não pode ser cientificamente provado que o ser humano em geral proceda naturalmente como o homo economicus racional, que aja sempre de maneira racional em vista de suas vantagens próprias. Essa é uma idéia tão boba quanto qualquer outra, como representação da realidade não serve, mas serve como meio de auto-identificação dos adeptos da ideologia

liberal. Isso como instrumento de análise é maravilhoso. Se você pegar toda a argumentação do Roberto Campos contra o socialismo ela é toda baseada nisso. O liberal materialista convicto da realidade do homo economicus e convicto de que quem não age como homo economicus está errado ou doente. Como o socialismo não tem a racionalidade econômica que se espera, então o socialismo está errado. O que não quer dizer que a argumentação está errada em si, ela está certa se você aceita o pressuposto do homo economicus. Se nós entendemos que a busca da vantagem própria por meios racionais não é a única nem a principal necessidade fundamental do homem essa crítica pode ser prejudicada ou pelo menos se revela muito parcial. Se você considerar o sistema econômico inteiro como uma máquina que deve dar lucro, deve trazer certas vantagens, o que é uma idéia comum à ideologia liberal e ao socialismo, o socialismo é um filhote da ideologia liberal, então é claro que a crítica liberal se torna legítima. Ela se torna legítima pelo simples fato de que o socialismo também aceita esse pressuposto do homo economicus. É um homo economicus discutindo com o outro, e um deles sabe fazer e o outro não sabe fazer.

Só que se tudo que nós tivéssemos a dizer contra o socialismo fosse isso nós teríamos um problema: por que só porque o sistema não funciona tem que matar cem milhões de pessoas? Não foi a ineficácia do socialismo que matou essas pessoas, elas não morreram de fome ou desemprego, e sim de fulizamento ou no Gulag. Tudo isso custou dinheiro. A morte dessas pessoas custou muito dinheiro. Então, elas não morreram por falta de recursos, mas, ao contrário, foi necessário mobilizar recursos para matá-las. Então é claro que entre essa crítica da ineficiência do socialismo e a realidade do totalitarismo existe um abismo. Não dá para deduzir da mera crítica liberal por que os caras mataram cem milhões de pessoas. Você tinha um estado policial, tinha a KGB, cuja verba era dez vezes superior a de todos os serviços secretos ocidentais somados. Como você pode explicar isso com base na ineficiência econômica do socialismo? Não pode, tem que haver uma outra causa. Quer dizer que a crítica liberal sempre incidiu sobre aspectos meramente marginais. Há um ponto onde socialismo e liberalismo são idênticos, na concepção do sistema econômico como máquina destinada a produzir certo resultado, e entre si eles só podem discutir nessa chave. Não há nada que se possa levantar além disso na pauta das discussões. Na verdade a única distinção entre o homo economicus liberal e o homo economicus socialista é que o primeiro é um indivíduo e o segundo é o sistema como um todo. Essa é a única diferença. O liberal pensa que se deixar cada indivíduo agir segundo seus próprios interesses no fim todos saem ganhando, já o socialista acha que para todos saírem ganhando é necessário organizar a sociedade toda como se ela fosse um homo economicus. Mas o conceito de homo economicus é idêntico nas duas teorias. Na prática, tanto como na teoria, acaba se mostrando que a crítica liberal no fim das contas é demasiado parcial, tecnicamente falando... Na verdade é muito simples e foi enunciado pelo von Mises em 1920, que se o socialismo é economia planejada, como não há mercado não há possibilidade de cálculo de preços, e se não há cálculo de preços não há planejamento, e se não há planejamento não há socialismo. Simplicíssimo e absolutamente imbatível. Tanto que ao longo de toda a sua existência a URSS baseava o seu cálculo de preços no preço médio do mercado americano. Isso confirma a teoria de Mises de que o socialismo é uma sombra do capitalismo, não existe como realidade, é um subproduto acidental, e ele necessita do capitalismo para sobreviver. Enquanto existir socialismo vai existir também o capitalismo. O socialismo é sempre deficitário e está sempre precisando de um regime capitalista que o sustente de alguma maneira, ou por ajuda, ou por guerra, ou por outro processo. Como agora a China vive de Hong Kong e do capital americano. Sem isso não haveria mais China. Mas é evidente que se você olhar os dois sistemas apenas pelo aspecto do homo economicus, é uma visão totalmente abstrativa, parcial, você estará vendo somente um aspecto e não a concretude do sistema.

Então o Voegelin chega à conclusão de que a idéia de que esses movimentos são religiões arcaicas não funciona. Teria que haver outra explicação qualquer. Para rastrear essa explicação ele tenta a história das idéias políticas, fazer toda a história das idéias políticas desde os tempos políticos e logo chega à conclusão que não dá porque a maior parte das sociedades conhecidas

não tem idéias políticas, não tem doutrinas políticas. Você não vai encontrar doutrinas políticas egípcias ou do império chinês. No entanto havia política, havia Estado, havia algum tipo de estrutura, então havia alguma concepção. Essa concepção, não sendo expressa em doutrinas, deveria então estar implícita em outro tipo de documentos, como símbolos, ritos, leis, etc. Então a história das idéias políticas deveria ser contada de uma maneira mais ou menos descontínua, se você representar as idéias políticas como uma reta, reta porque você está partindo de um documento expresso, da expressão formal da doutrina, como em Hobbes e Maquiavel, e nos outros você vai tentar pegar a concepção implícita que está colocada em símbolos, monumentos, etc. Então a história seria assim:



Você teria que emendar uma doutrina com a outra, onde não há continuidade nenhuma, teria que emendar com estas explicações obtidas pela interpretação de símbolos indiretos. Você vê que na história das idéias políticas em geral, em Gaetano Moscas ou outros, há duas soluções. Ou você faz uma coisa descontínua, e tem o capítulo um e depois pula 300 anos, daí tem o capítulo dois. Ou então você vai ter que supor nesses intervalos uma conexão quase que metafísica. Quando você salta das idéias políticas de Platão para as de Maquiavel você terá que inventar uma continuidade puramente estratosférica. Então o Voegelin inventa em um primeira instância essa idéia de completar a história das idéias políticas pelas doutrinas implícitas ou indiretas. Só que ele percebe que isso também é muito difícil de você fazer porque você não vai poder comparar diretamente uma expressão simbólica com uma doutrina política explícita, são dois níveis diferentes de discurso. Mas ele percebe que por baixo das doutrinas também há símbolos, que elas não são senão exteriorizações de experiências, de vivências reais, exatamente como o eram estes simbolismos indiretos. Então se você descobrisse quais são as experiências efetivas, as visões efetivas da realidade, do cosmos, do ser, que estão por baixo das doutrinas políticas então elas ficariam niveladas com os documentos indiretos. São as diferentes visões do mundo que estão subentendidas ali.

Essas visões do mundo se referem a quê? Se referem a um fenômeno que ele chama a Ordem. Qualquer que seja a doutrina política, no fundo ela está falando de algum tipo de Ordem, ordem estatal, ordem grega, ordem imperial, e essas mitologias também estão falando de imagens da ordem. Quando você diz que o faraó é filho do sol, você está colocando uma ordem cósmica, inventando uma ordem cósmica, ordem da sociedade egípcia encabeçada pelo faraó, o qual está para a sociedade assim como o sol está para o sistema solar. Então ele percebe que a verdadeira história a ser escrita não é a das doutrinas políticas mas a história das visões da ordem. É uma coisa bem pensada, criteriosa, bem cuidadosa.

Então na primeira etapa ele tinha escrito os oito primeiros volumes de History of Political Ideas e na segunda ele escreve Order and History. Esta ele não termina, ficam faltando vários pedaços no meio (não por causa da descontinuidade), e aquela ele chega até a época que ele chama de Impérios Ecumênicos, como a fase do Império Romano que absorve várias culturas diferentes, impérios multiculturais. Isso vai pegar até o século cinco mais ou menos e aí pára o Order and History. Então é evidente que para compreender o Voegelin você precisa ler as duas obras interminadas e, de certo modo, completá-las mentalmente. A História das Idéias Políticas,

embora esteja incompleta na sua concepção, ela está mais completa nos seus materiais, e Ordem e História, estando menos completa nos seus materiais, está mais completa na concepção, você tem que articular um com o outro e o outro com o um e aí você vê que embora nenhum dos dois esteja completado é como se estivesse, está tudo muito arrumadinho no conjunto. Como duas tentativas começadas e abortadas na verdade acabaram se completando de algum modo, não literariamente, não materialmente, mas como concepção, ficando em aberto a possibilidade de milhares de estudos que completariam isso aí e poderiam corrigir num ponto ou noutro. É claro que no curso da segunda investigação ele também chega a um problema justamente ao chegar na época dos impérios ecumênicos porque ele percebe que aí já não é mais possível tratar os assuntos em sequência porque você tem uma multidão de fenômenos simultâneos sem conexão, e ele não tinha pensado nisso ainda, tinha pensado em termos de uma evolução temporal. De repente ele vê centenas de fenômenos de representações da Ordem mais ou menos similares eclodindo em vários pontos sem nenhuma conexão ou influência cultural, o que levanta um outro problema do qual ele não tratou e deixou para os sucessores.

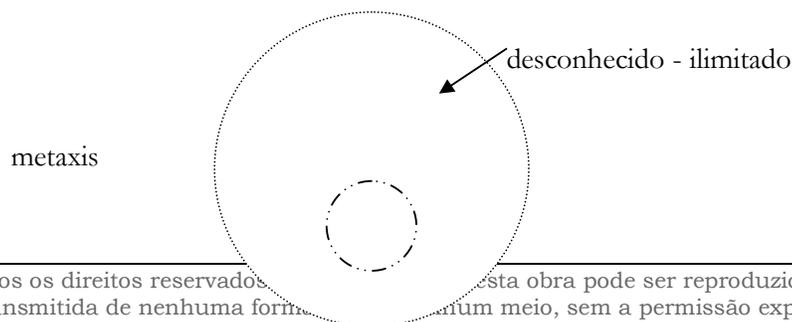
Na passagem da experiência da ordem para a doutrina opera-se o que ele vai chamar de descompactação dos símbolos. As doutrinas não são senão símbolos de experiência descompactados. Consideradas fora, independentes da experiência que os gerou, as doutrinas ainda existem historicamente, quer dizer, elas continuam a ser lidas e estudadas nos séculos seguintes, desvinculadas de suas experiências originárias. Então elas começam a ter uma função já diferente da originária. Quando Maquiavel escreve “o Príncipe” ele está evidentemente tentando transpor uma experiência originária para a forma doutrinal. Apagada a experiência, sobra a doutrina de Maquiavel, assim como a espuma sobra em cima do chope. Se você tira o chope e deixa a espuma no ar, é mais ou menos isso que às vezes é passado para a época seguinte como parte do patrimônio cultural. Então, é evidente que essas doutrinas em outro quadro passam a ter outras funções completamente diferentes, que às vezes não tem nada a ver com o que elas eram em seus momentos originários. Agora, quanto à Ordem em si ele nota que há a possibilidade de milhares de versões diferentes de Ordens. Como essa que eu citei, da sociedade egípcia, da ordem da sociedade como imagem microscópica da ordem maior do cosmos, essa é só uma entre muitas.

Existem milhares de versões possíveis da Ordem. Acontece que todas elas têm raiz na experiência real, na vivência real do ser humano. Então surge aí o problema de você saber, para além dessa variedade de expressões da experiência, será que existe uma estrutura básica da experiência que esteja por trás ou por baixo dessa multiplicidade de visões diferentes da Ordem? Ou seja, a presença do ser humano no mundo, a experiência fundamental do ser tem alguma constante universal pela qual você possa aferir essas diferentes expressões? Se nada sabemos universalmente sobre o fenômeno da Ordem, muito menos compreenderemos a sequência das Ordens que existiram historicamente. Então Voegelin observa que quaisquer que sejam os conteúdos dessas diferentes experiências do ser, e portanto os conteúdos dessas diferentes visões da Ordem, elas sempre são expressões de um negócio chamado consciência humana. Então em última análise a história toda das diferentes Ordens, e a história das idéias políticas, tem que ser compreendida em função de uma fenomenologia da consciência. Tudo isso ele vai chegando aos poucos. A abordagem de Voegelin é eminentemente a de um historiador, de filósofo em segundo plano, mas ele coloca um problema historiográfico primeiro, e um problema de ciência política que seria instrumental; ele está buscando ferramentas para ver se entende aquele negócio que aconteceu, porque ele percebeu que a ciência política do seu tempo não entendeu aquelas coisas. Como ele percebeu que a ciência política em seu tempo se baseava nos cânones da ideologia liberal, então ela se mostrou impotente para compreender fenômenos tão aparentemente irracionais nos termos do homo economicus como seriam o nazismo e o comunismo. Mas à medida que ele vai prosseguindo na investigação ele vai encontrando problemas e dificuldades de método e de fundamento. Então a investigação histórica é pontilhada de interrupções e rodeios nos quais ele vai buscar a solução de um problema filosófico necessário para formar a ferramenta

conceptual, para poder continuar a investigação histórica. Então, na hora em que ele esbarra no problema da consciência, ele naturalmente vai procurar o que que os filósofos do seu tempo e de outros tempos tiveram a dizer sobre isso. E nada daquilo o satisfaz. Ele estuda Bergson, Husserl, Kant, entre outros, e vê que aquilo aparentemente não resolve. Por exemplo, no livro Anamnesis ele, faz uma discussão extensa com a idéia de fluxo de consciência de Bergson e é óbvio que a idéia de fluxo não é a própria estrutura da consciência mas apenas um objeto entre outros que podem estar presentes à consciência. E há uma série de fenômenos da consciência que não tem nada de fluxo mas que são fenômenos pontuais, que são instantâneos no tempo. Em suma, consciência é uma coisa e consciência de tempo é outra completamente diferente.

A solução que ele vai dar para o problema da consciência em última análise é a de que consciência e ser, consciência e existir, não são coisas separáveis, mas ao contrário a consciência é simplesmente consciência de existência. É consciência de você estar presente dentro do processo. Isso é consciência. Claro que essa consciência geral de estar presente no processo, do qual você faz parte, e do qual a própria formação progressiva da sua consciência também faz parte, então, como consciência é sempre consciência de participação, e de participação no ser – e nunca um fenômeno subjetivo, ele não aceita a idéia de consciência no sentido subjetivista da tradição moderna que vai de Descartes a Husserl – consciência é consciência de estar no ser. O próprio fato de você ter uma consciência é um fato que acontece dentro do ser. Se você tem a consciência, ela é uma coisa real, uma coisa que está acontecendo. Se está acontecendo, está acontecendo dentro daquilo que acontece em geral, então a sua consciência também é um fato na ordem do Ser. Consciência é apenas um modo de Ser. A descrição que ele faz da consciência é idêntica à colocação de Louis Lavelle, um autor que ele nunca conheceu. É uma verdadeira pena, porque o Lavelle resolveu tudo isso aí de maneira brilhante e aparentemente definitiva.

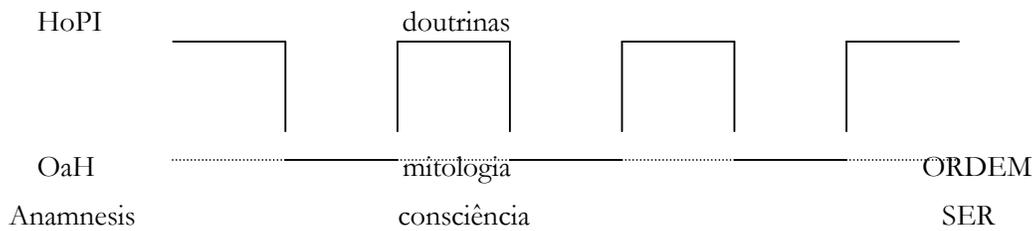
Então, a partir dessa noção de consciência de participação, ele percebe que não é possível você aprofundar o fenômeno da consciência sem topar com o fenômeno da alienação, isto é, com o fenômeno da inconsciência. E daí aquele famoso apelo que ele faz à idéia do Apeiron de Anaximandro. Ele diz que a consciência de estar no Ser é sempre a consciência de estar dentro de um círculo de elementos conhecidos, sabendo que para além desse círculo existe um outro círculo muito maior de coisas desconhecidas. Ele diz que todo mundo sabe disso, e que a consciência de estar simultaneamente numa esfera conhecida e numa esfera desconhecida, esta é a experiência universal da consciência humana. Ou seja, todo o ser humano tem de saber que ele vive entre o conhecido e o desconhecido. Você não pode apagar um nem pode apagar o outro. E ele vai mostrando como essa consciência, que ele vai chamar usando o termo de Platão, metaxis, que é a participação em duas coisas simultâneas, esta consciência da metaxis está presente praticamente em toda a tradição filosófica, nas tradições religiosas, e na maior parte das visões da Ordem. A maior parte das visões da Ordem é baseada na consciência da metaxis. A consciência de que nós estamos num círculo limitado, que por sua vez está dentro de um círculo ilimitado, e que nós de certa maneira estamos na mediação, vivemos numa tensão entre um e outro, nem o limitado se perfila completamente, porque as coisas entram e saem do círculo limitado – por exemplo quando você as esquece – nem o ilimitado pode ser espelho de uma vez por todas, ou mediante o esquecimento – *não vou pensar mais nisso* – ou mediante uma proibição de examiná-lo, ou mediante um decreto de que ele será eternamente incognoscível, porque nem isso você sabe.





conhecido - limitado

A partir desse conceito, que ele tira realmente de Anaximandro, o Apeiron, o ilimitado, ele pode criar uma tipologia das filosofias normais e anormais. Normais são aquelas que estão sabendo disso, as anormais são aquelas que inventam um jeito de tampar e eliminar artificialmente a tensão. Por exemplo, como faz Kant, *se não podemos conhecer a coisa-em-si, então eu não preciso me preocupar com a coisa-em-si e acabou o ilimitado. O ilimitado é só matéria de fé, pronto, acabou.* Então ele percebe que isso é um ato de covardia da inteligência, não corresponde à posição real da consciência humana. A condição real é aquela que você pode ter tanto na filosofia quanto na vida real. Esses conceitos são de uma importância fundamental.



Por baixo da história e da ordem você tem a filosofia da consciência que está no livro Anamnesis.

Consciência e Ser são os fatos básicos que estão por baixo das vivências da Ordem, as quais estão por baixo das idéias políticas. É evidente que a concepção é perfeita mas também é evidente que a sua realização material sob a forma de uma obra histórica é quase impossível, simplesmente seria a história da consciência humana tal como ela se projeta nas sucessivas estruturas civilizacionais. Isso não é impossível de se fazer, mas é impossível de um indivíduo só fazer. E é por isso mesmo que a obra de Voegelin é sobretudo um projeto a ser continuado por mais um século ou dois, até podermos ter esta visão inteira. O que mostra que a própria filosofia dele é fiel ao princípio de Anaximandro, porque ela também tem um pedaço fechado e um pedaço aberto, e ela está exatamente na tensão entre os dois. O fato de nenhuma dessas obras ter sido terminada – Voegelin nunca escreveu um livro, essa que é a verdade, só escreveu pedaços de livros – e ao mesmo tempo cada um desses pedaços estar perfeitamente arrumadinho, mas arrumadinho dentro de seu limitado, que, por sua vez, se define em função de um ilimitado que pode prosseguir indefinidamente. Então isso é, evidentemente, a fundação de uma nova ciência histórica, a qual, teoricamente, pode prosseguir indefinidamente. Quer dizer, a história da consciência humana expressa especificamente sob a forma da história das vivências da Ordem, e secundariamente sob a forma da história das idéias políticas, pode prosseguir indefinidamente pelo simples fato de que enquanto você está escrevendo História, você mesmo também é personagem dessa História e a está continuando. Cada momento da consciência histórica é

também mais um momento do próprio processo que está sendo narrado, portanto isso pode prosseguir indefinidamente. Daí que eu vejo a validade permanente de Voegelin. Desde que aquilo não fecha em um sistema, e ele tem horror aos sistemas, para ele o congelamento de uma filosofia num sistema mostraria o fracasso dela, porque se ela se fechou num sistema ela não pode prosseguir, e se não pode prosseguir, acabou, então ela não tem uma estrutura compatível com a realidade.

Quando ele fala sistema, fala no sentido específico de Hegel, ou de Kant. Os sistemas são aqueles que fecham possibilidades, não é que explicam tudo, na verdade não explicam nada, porque tampam um pedaço. Isso é o que caracteriza, segundo ele, o fenômeno especificamente moderno, do fechamento da realidade mediante a proibição de fazer perguntas.

Aluno: poderia se dizer que existe uma porosidade entre esse círculo limitado e o desconhecido? E fechando o sistema, o sistema limitado, você fecha essas aberturas todas.

Há uma porosidade, exatamente. É bom você ter falado a palavra poros. Poros é o deus da abundância, é casado com Pênia, que é a deusa da penúria; e o amor, Eros é filho de Poros e Pênia. Essa é a estrutura erótica da filosofia de Voegelin e de toda a filosofia normal, segundo ele. Filosofias que fazem parte do próprio processo existencial do Ser e da consciência, se encaixam nele e o prosseguem. O Ser vai tomando consciência de si mesmo no ser humano, é o próprio processo que se torna luminoso através do ser humano, mas ele não detém o processo, este prossegue. Esta abertura para o prosseguimento e a todas as perguntas possíveis e imagináveis, isso que caracterizaria as doutrinas normais de acordo com Voegelin, em contraposição às doutrinas alienadas que são aquelas que fecham uma parcela da experiência básica mediante a proibição explícita ou implícita de perguntar. Como é que funciona essa proibição? Às vezes a proibição é explícita, como no positivismo, ou em Kant, *tais ou quais coisas nós não podemos saber, portanto não pergunte*. Em outros casos é implícita, como, por exemplo, quando Karl Marx diz que a história é feita pelo homem, ele diz que o homem comum racionando a partir de sua experiência vulgar, ele pode contestar, *como é feita pelo homem, porque eu sou filho de fulano, que é filho de sicrano... e teve um primeiro homem? Portanto deve haver uma causa anterior ao homem*. Ele diz que esse é o raciocínio do tipo vulgar, mas a partir da hora em que você assume a tarefa de fazer história, você passa a ser o autor da história e portanto a pergunta sobre a origem, a causa pré-humana da história, não pode mais ser feita. Diz ele, notem bem, que ela se torna uma impossibilidade prática. Ele não diz impossibilidade teórica. Isso quer dizer que o homem socialista, a partir do momento em que ele assumiu a idéia de que a função dele não mais é compreender o mundo, mas transformá-lo, então ele se torna autor da história. A partir da hora em que ele se torna o único autor da história a pergunta sobre se houve um outro autor antes dele ou se há um outro autor para além dele se torna impossível. O homem não pode fazer a história livremente do jeito que ele inventou e ao mesmo tempo se considerar personagem de uma outra história escrita por um outro ser que está além dele. A história começa com ele. Voegelin diz que isso é *intellectual swindle* – vigarice intelectual. Ele diz que Marx sabe que está mentindo, *ele sabe que isto é um truque*. Porque ele não está dizendo que a pergunta é teoricamente in formulável, ele até reconhece que o homem vulgar tem razão para fazer essa pergunta. Apenas que, quando esse homem vulgar se transformar em homem socialista, ele se torna o fazedor da história, o autor da história, e daí a pergunta sobre sua origem se torna uma impossibilidade prática. Então você vai se tornar homem socialista na hora em que você tampar a pergunta sobre sua origem, tampar a pergunta sobre todas as causas que te transcendem. Então o que é isso? É a proibição de perguntar. Ele faz várias análises sobre isso, mostra como em Nietzsche você tem a mesma coisa, no dr. Freud também, e praticamente em todos os autores modernos.

Tendo todo esse quadro ele pode reatar o problema inicial sobre os totalitarismos. Ele queria saber que raio de coisa é essa. Então é evidente que não é mais uma pergunta teórica, uma pergunta filosófica, mas sim uma pergunta histórica. Ele está perguntando como isso realmente apareceu. O diagnóstico da origem da função dos totalitarismos já faz parte da ciência histórica que ele está tentando desenvolver. Construído todo esse instrumental, feito para fundamentar a história das idéias políticas, ele pode atacar novamente o problema dos totalitarismos. Curiosamente aí ele encontra a solução pronta, e esse é um dos problemas mais esquisitos da história dos tempos modernos, porque ele diz que no período da ideologia liberal, quando surge a teoria liberal, existe realmente uma paralisia da ciência política, ele diz que isso aí foi um desastre para a ciência política. O advento da ideologia liberal paralisa a ciência política, que vinha se desenvolvendo já pelo menos desde os tempos de Maquiavel, no ciclo moderno, sem contar Platão e Aristóteles evidentemente. Você já tinha todas as bases de uma ciência política, que começa com Platão. E nesse período baixa uma espécie de estupidez geral pelo simples fato de que o sucesso das categorias liberais, o estado moderno, estado leigo, direitos civis, entre outras, o sucesso disso nos Estados Unidos e na Europa faz com que esta concepção seja considerada universal e normativa. O homem de modo geral deveria se enquadrar nos cânones da ideologia liberal. Isso aí é tomado como pressuposto na ciência política e ao mesmo tempo é uma orientação prática da ideologia liberal. Nós vivemos ainda dentro deste ciclo onde as idéias de democracia, direitos humanos, são impostas ao mundo inteiro como se fossem exatamente o padrão da normalidade. E a ciência política ou a ideologia liberal, também, na hora em que ela se toma a si mesma como universalmente normativa, ela esquece que ela também tem uma certa raiz ou fundamento concreto. E esse fundamento concreto são exatamente os princípios estoicos e cristãos que fixaram a idéia da intangibilidade da pessoa humana, da eternidade da alma. Sem a idéia da eternidade da alma individual o que viria a significar direitos humanos? Se você imagina que a idéia moderna de que o homem é apenas um aglomerado de moléculas tivesse aparecido muitos séculos antes, ninguém pensaria em dar direitos a um aglomerado de moléculas. O direito é uma obrigação que um outro tem para com você. Por que um simples corpo vivente teria obrigações para com outro corpo vivente? Sem a idéia de uma norma que é superior aos dois corpos, e na verdade superior a toda vida corporal, nunca teria aparecido essa coisa de direitos humanos. Então é evidente que isso também é um símbolo. A alma imortal é também um dos símbolos da experiência básica do ser humano perante o mundo. Como ele próprio, e cada indivíduo, está colocado dentro deste círculo limitado que está dentro do círculo ilimitado e vive na tensão, ele percebe que ele próprio tem essa estrutura, porque ele também é limitado sob certo ponto de vista e ilimitado sob outro ponto de vista. Portanto a idéia de que cada individualidade tenha também um aspecto indefinido que se prolonga para dentro de um território desconhecido é quase que uma decorrência natural daquela visão do Apeiron.

A ideologia liberal, inconsciente das bases que a possibilitam, também é como uma espuma que permanecesse em cima do copo suprimindo o líquido que a sustenta lá em cima; e este líquido seria evidentemente cristão e estoico, ou o direito romano. Então, nesse período, desaparece do cenário uma série de conhecimentos e uma série de investigações que no período imediatamente anterior já vinham sendo conduzidas. Quando Voegelin associa esses movimentos totalitaristas à origem gnóstica, ele não descobriu nada, porque isso já estava descoberto em 1810. Ele cita várias obras históricas do começo do século dezenove onde isso é dito como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Tratavam-se de histórias do gnosticismo, onde tinha lá vários autores gnósticos, e no fim vinha Fichte, Hegel, e todo o romantismo alemão. Então, eles tinham perfeita consciência disso. Mas isso desaparece completamente de cena, porque a ideologia liberal, não tendo consciência da sua própria raiz religiosa, muito menos iria procurar a raiz religiosa do outro. E só poderia haver religião nas ideologias modernas sob o aspecto invertido e caricatural. A religião como uma coisa do passado que ressurgue numa época de democracia, direitos humanos, onde isso já não faz mais sentido. O ideólogo liberal, quando diagnostica assim essas ideologias, ele de certo modo ouve o galo cantar mas não sabe onde. Há algo de religião ali,

mas não nesse sentido, assim como há algo de religião na própria ideologia liberal que ele próprio desconhece.

Nós podemos ver como o conceito mesmo de democracia só chega a ser aplicado em toda a sua vigência em países cristãos reformados, especialmente Inglaterra e Estados Unidos. Ou seja, dentro da variante anglo-saxônica da Reforma se possibilita realmente a constituição de um Estado moderno baseado nas idéias de liberdade individual, de igualdade de direitos... somente aí que a coisa funciona. Aplicado em outros contextos e outros lugares, onde a base religiosa não é a mesma, como, por exemplo, na Alemanha, na Itália, na França, ou, pior ainda, em outros contextos onde essa base não existe de maneira alguma, os resultados vão ser diferentes. Há enxertos, e estes tomam formas que são diferentes dos projetos democráticos originários, sendo muitíssimo interessante, e quase obrigatório, estudar o caso brasileiro à luz disso aqui. Você teria que estudar a base religiosa-mítica porque, não que essa base religiosa-mítica seja ela mesma o fundamento das idéias doutrinárias, ela é expressão da experiência básica do Ser a qual, por sua vez, é o fundamento. Então, se você estudar a forma do fenômeno religioso no Brasil e conseguir diagnosticá-lo como a expressão de uma certa vivência do Ser, você poderá, tendo numa mão a definição dessa vivência e tendo na outra mão a teoria do estado democrático, misturar e ver no que deu. Então, é notório que entre nós o aspecto cristão que se impregna no Brasil é bastante diferente daquele que foi para os Estados Unidos, e a principal diferença é que nos Estados Unidos você tinha a pluralidade de seitas protestantes cujo único elemento unificador era a Bíblia. Você tem um texto, um núcleo doutrinário mais ou menos comum entre uma pluralidade de igrejas diferentes, as quais uma não tem como mandar na outra, uma não tem autoridade sobre a outra, mas elas têm uma base comum de diálogo, estão se reportando de algum modo às mesmas escrituras, e aquilo que não tiver base nas escrituras sai fora. Agora, o que tiver base ali pode ser interpretado de todos os jeitos que sejam legítimos mediante o discurso. Ao passo que no Brasil o cristianismo que veio para cá é sobretudo o cristianismo da hierarquia católica. Você tem o elemento poderosamente centralizador e o fenômeno do clero, que é uma casta separada do restante da sociedade, e que é, teoricamente, a única depositária do legado cristão originário. Então somente o clero, com a devida aprovação de Roma, pode ser intérprete correto das escrituras.

É evidente que a constituição da democracia num caso e no outro não vai poder dar o mesmo resultado. Como de fato houve inúmeros problemas para a implantação do sistema democrático em todos os países católicos, não pelos motivos assinalados por Max Weber, mas pelos motivos assinalados pelo Peyrefitte, como ele diz no “A Sociedade da Confiança”, que é um livro que dentro dessa ordem de estudos se integra maravilhosamente. O segredo, não da democracia, que não é o assunto do livro, mas do capitalismo, a origem do capitalismo, aquilo que torna possível o capitalismo, é a atmosfera de livre negociação, a qual só é possível onde há dois elementos: você não tem uma autoridade central que mande em todo mundo, que possa se impor igualmente a todos, ou seja, há uma série de núcleos independentes, por um lado, e, por outro lado, você tem uma comunidade de padrão moral, você tem um código moral que é comum a todos esses núcleos independentes, e isso só acontece nos países protestantes.

A quase inviabilidade da democracia nos países católicos vem precisamente do fato de que você não tem ali só uma unidade de padrão moral, mas você já tem uma hierarquia consolidada, e esta jamais poderá abdicar ou de ela mesma nomear o governo constituído ou de pelo menos conservar uma autoridade superior às leis, como a autoridade do Papa sempre se colocou como autoridade superior a dos Imperadores. Aqui nós vemos uma dificuldade que não é específica do Brasil, mas que é comum a todos os países de maioria católica. Claro que nós não podemos parar o diagnóstico aqui e temos que avançar um pouco mais para ver qual é a diferença específica do caso brasileiro. E a diferença específica é a seguinte: aqui você não apenas teve este elemento católico, mas, nos primeiros tempos, a diferença de estatuto entre o clero e o restante da população era quase que de homem para bicho. Se você for ver o experimento que os jesuítas tentaram nas missões jesuíticas, é evidente que os índios que estavam aqui não tinham a

menor idéia de quais eram os princípios que fundamentavam a sociedade, eles se confiavam ao guiamento do clero com a inocência de crianças. E o clero evidentemente os tratava bem, mas como crianças. Fora das missões você tinha uma população constituída maciçamente de escravos, que estavam totalmente fora do processo político. Essa seria uma das bases para a construção da democracia brasileira, ou seja, você já vê que a coisa é totalmente antagônica, simplesmente não é possível. Em terceiro lugar, há essa defasagem, essa diferença de planos entre o clero e o restante da população, e ela é ainda mais aprofundada pelo fato de que a impregnação dos valores e critérios cristãos na população se torna mais individual, na medida em que cada indivíduo não é responsável pela sua própria fé, mas sempre tem o clero a cujo guiamento ele se confia – o conhecimento mais profundo da religião cabe ao clero e não a você. Você não é um participante da história ativa do cristianismo, você é apenas um consumidor, ao passo que no meio protestante todos participam do debate religioso de algum modo, através de suas pequenas comunidades.

Então, é claro que já no panorama europeu a impregnação dos valores cristãos é muito mais profunda, porque não havia esta diferença entre o clero e a população, o clero estava entremeadado à população, o padre era um membro da comunidade como qualquer outro. Mas aqui não, os padres eram uma casta separada e quase inatingível, eram uma parcela da casta governante. Você não tem o fenômeno do clero popular que você teve durante toda a formação européia. Além disso, como essa cristianização é totalmente superficial, você tem todos os remanescentes de cultos indígenas e africanos, aos quais se misturam, no meio do século dezenove, as injeções de novas ideologias pseudo-religiosas, que são um subproduto da própria ideologia liberal, como o kardecismo, a maçonaria, o teosofismo, evolucionismo, entre outras. É claro que a base ética, a base moral comum, não existe, ela é fragmentada, numa multidão de almas apenas superficialmente cristianizadas, que não têm os valores cristãos realmente introjetados, que não se sentem participantes da vida cristã de maneira alguma, mas que, por outro lado, ouvindo o discurso democrático, o interpretam então de acordo com estes valores que eles têm, que seriam:

- 1º) os valores hierárquicos e autoritários da Contra-Reforma;
- 2º) os valores de suas respectivas tradições – ou pseudo-tradições – indígenas, africanas, e outras, e de todas essas misturas;
- 3º) os valores que recebem do espiritismo e teosofia, e outras.

O que se tornaria a democracia, o estado leigo moderno, visto com esses olhos? É o que nós temos aqui atualmente. Então é fácil você perceber que, em primeiro lugar, o elemento da liberdade individual não é enfatizado, porque ele é desconhecido, não há uma vivência efetiva da liberdade individual, porque não houve a vivência efetiva da livre participação na elaboração da doutrina cristã. As pessoas são colocadas à margem da discussão teológica, que é um assunto a ser resolvido lá em Roma e que vem com a solução pronta, e você não faz nem a pergunta e muito menos entende a resposta. Não havendo essa participação ativa na história do Cristianismo é evidente que a religião assume apenas o aspecto, primeiro, do controle comportamental, ela é vivenciada como uma forma de disciplina externa que lhe será imposta, as coisas que você não pode fazer; segundo, misturando com elementos indígenas e africanos, é vivenciada sob a forma de religião medicinal, você recorre para curar bicho-de-pé e homorróidas, e isso acontece hoje aqui, na nossa frente; em terceiro lugar, misturando com elementos antroposóficos, teosóficos e espiritistas, a religião aparece como imagem de uma promessa apocalíptica de libertação, só que vivenciada já em termos terrenos, porque se você não tem a visão cristã efetiva, muito menos você vai ser capaz de conceber como coisa efetiva a idéia de indefinido, do para-além, do Apeiron, do Paraíso.

Então, repetindo, a religião é elemento de controle social, de cura no sentido farmacológico, e é elemento ideológico, de tipo messiânico ou apocalíptico. Aí você já tem

explicado o Padre Marcelo, o Bispo Macedo, a Teologia da Libertação, tudo de uma vez. O Santo Antonio de costas para arranjar marido já está incluído no medicinal, é quebra-galho para a vida prática. É uma religião mágica na verdade.

Então, é claro que a promessa, a proposta do estado democrático é interpretada nesse sentido. Na sua versão atual você teria um igualitarismo messiânico projetado na idéia de um morticínio redentor: *matamos metade da população e a outra metade vai viver maravilhosamente*, que é mais ou menos a promessa do MST. E ao mesmo tempo o apego à idéia de uma autoridade central, quando você vê nessa pesquisa da Veja, 78% da população pedindo mais intervenção do estado na economia e ao mesmo tempo receitando democracia. Democracia com tanta intervenção do estado na economia, é impossível, é contradição de termos. Mas isto para eles é a própria democracia, a maior intervenção do estado na economia é a autoridade central, como se fosse a Igreja ou o Papa, que controla os poderosos e protege os pequeninos. Isso é exatamente a função do Rei de Portugal, que às vezes fazia justiça com suas próprias mãos, inclusive matando malvados pessoalmente, em alguns momentos. É o Rei justiceiro, que intervém em tudo, comanda tudo, e que, de alguma maneira, vai resolver todos os seus problemas. Misturando essa imagem arcaica da autoridade jesuítica com a idéia futurista ou messiânica do igualitarismo, é o que nós temos hoje. Realizar o igualitarismo através do autoritarismo estatal. Isso é a democracia possível no Brasil. Portanto, pode tirar o cavalo da chuva, democracia não vai acontecer no Brasil nunca. Pode acontecer como idéia de uma meia dúzia de liberais completamente alienados, que não entendem nem mesmo sua própria função na história, e que olham os Estados Unidos com inveja e gostariam de ter a mesma coisa aqui.

Agora, como é que acontece essa terrestrialização do ideal messiânico? Isso não acontece aqui, evidentemente, isso vem do próprio processo histórico europeu, e é aí que Voegelin vai emendar esse negócio com o gnosticismo. A base das seitas gnósticas é o dualismo irrecorrível. De acordo com os gnósticos o mundo, o universo existente não foi criado por Deus, mas por uma divindade menor rebelada, maldosa, que nos prendeu nesse universo material, bloqueando o nosso retorno à infinitude divina de onde viemos. Então o nosso dever é romper a casca para retornar ao Paraíso. Como é que isso vem a se impregnar no mundo moderno? Veio a se impregnar da seguinte maneira: na época da Reforma surge uma tamanha quantidade de conflitos religiosos que teriam simplesmente destruído toda a civilização européia se não surgisse a idéia de um Estado leigo, que não pertence nem a um lado nem ao outro, mas que pode arbitrar os dois lados. Na hora em que se afirma o Estado leigo, quer dizer que as questões de ordem religiosa, as questões entre o homem e Deus passam a ser resolvidas na esfera privada, não têm mais validade pública. Então, paralelamente, você vê que a Igreja Católica, a partir mais ou menos do século XIII, à medida que o dogma cristão, o dogma católico, vai se definir, resultado do processo de interpretação e discussão dos evangelhos ao longo do tempo, e na medida em que surge a preocupação de criar um limite lógico e definido entre o que é católico e o que é herético, na hora em que se baixa essa linha demarcatória perfeitamente definida, é evidente que a demarcação do que é puramente católico, essencialmente católico, ou legitimamente católico, é feita de maneira redutiva. Você vai definir aquele mínimo fora do qual não há salvação. Na demarcação desse mínimo entra aí a intervenção de um novo fenômeno, que para ser entendido é preciso retornar alguns milênios atrás, e examinar aquele período no qual, segundo Voegelin, dentro da sucessão das visões da Ordem, se passa da etapa que ele chama a dos Impérios Cosmológicos para a visão do Deus Transcendente, que vem com o Judaísmo e o Cristianismo. Então isso quer dizer que no Egito e na Babilônia, em todos os impérios deste tipo, você tinha a idéia de um Cosmos que é ele mesmo divino, que é o campo de manifestação dos deuses, dentro do qual a ordem humana aparece como uma espécie de modelo microcômico. Na hora em que surge com Israel a idéia de um Deus Transcendente, esse Deus não se manifesta mais no mundo exterior, no Cosmos, ele pode se manifestar acidentalmente ali, através de alguns fenômenos como a sarça ardente, Deus parando o Sol, mas Ele vai se manifestar menos na ordem cósmica do que na mensagem que Ele dirige a alguns indivíduos em particular. A forma específica de atuação do Deus de Israel é falar

para o indivíduo, e esse indivíduo, automaticamente, pelo simples fato de ter recebido a voz de Deus, ele se separa da comunidade, é criado um abismo entre ele e a comunidade, que ele pode tentar transpor de mil e uma maneiras, havendo a hipótese de ele conseguir dobrar a comunidade, como fez Moisés, como a hipótese de ele ser apedrejado, ser rejeitado, e até executado. No caso de Moisés, entre a recepção da mensagem e a época em que ela se torna efetiva pela comunidade, transcorrem mais ou menos quarenta anos. Moisés é mandado embora e fica quarenta anos esperando a hora em que o povo vai ouvi-lo. Isso significa que, enquanto o divino se manifestava na natureza, ele se manifestava mais ou menos de maneiras uniformes para todo mundo, é uma manifestação impessoal. A Terra é a mesma para todo mundo, o Céu é o mesmo para todo mundo. Mas chega uma hora em que Deus tem algo mais específico para dizer, e esse mais específico só pode ser transmitido a determinados indivíduos. É uma mensagem diferenciada do divino.

A manifestação cosmológica é indiferenciada e impessoal, qualquer um pode decifrá-la a seu modo, e existem milhões de mensagens simultâneas que podem ser observadas ou na forma macrocômica da natureza, a natureza como sistema, ou em fenômenos específicos como a posição das estrelas, o vôo dos pássaros. Essa mensagem é pública porque ela é aberta. Curiosamente, esse Deus que estava presente na natureza, Ele ao mesmo tempo é um Deus impessoal e ausente, porque se está falando a mesma coisa para todo mundo não está falando nada especificamente para ninguém. A novidade trazida pelos profetas hebraicos é quando Deus dá uma instrução específica a um indivíduo ou a uma comunidade, do tipo faça isso ou faça aquilo. Isso que Deus ordena tem com as mensagens anteriores, com as mensagens cosmológicas, uma diferença extraordinária. As mensagens anteriores, as mensagens do período cosmológico, são todas cíclicas ou permanentes, porque os fenômenos naturais ou são permanentes ou são cíclicos, agora, a mensagem específica ela é dada uma vez só e introduz uma mudança, ou seja, quando Moisés recebe a ordem *saia do Egito*, era para sair do Egito uma vez só, de uma vez para sempre.

Isso significa que Deus já não se manifesta predominantemente na natureza mas na História. O que não quer dizer que Ele tenha saído da natureza. Ele continua lá, tanto que a Bíblia diz *os Céus narram a Glória de Deus*. E a Bíblia está cheia de referências ao simbolismo da natureza. Só que esse simbolismo da natureza é apenas o cenário de fundo e a história que importa é a história dos seres humanos e daqueles acontecimentos que se sucedem no tempo, do cativeiro à fuga do Egito, até o advento do Cristo. Na passagem de uma dessas visões de Deus à outra você tem uma série de elementos traumáticos. Como é que você faz para você também ouvir a voz de Deus como Moisés ouviu? Já não se trata de uma comunidade inteira que lê na natureza uma mensagem que está permanentemente exposta, mas se trata de um contato mais pessoal. O homem já não quer mais somente ler a natureza mas quer ir além dela, quer varar a natureza e conversar pessoalmente com Deus. Daí surgem todas as disciplinas ascéticas que dizem *volte as costas à natureza*.

Eu não sei se vocês ouviram a ópera de Wagner, Tannhauser. Esta trata exatamente disso. Heinrich Tannhauser é um menestrel e cantor pelo qual a deusa Vênus se encantou. Então ele se torna amante da deusa. Tornar-se amante da deusa é você participar do processo cosmológico já quase como um de seus autores, tanto que ela o trata como um deus. Ele se divinizou, já não é mais um ser humano, ele é uma dessas forças estruturantes do Cosmos, como a própria Vênus. Mas, como ele se divinizou, ele sente a nostalgia dos seres humanos, da Terra, da paisagem, da música. Ele sente que tem um vazio, que está faltando alguma coisa, embora ele tenha se tornado, enquanto amante de Vênus, ele tenha aquele poder encantatório e sedutor da própria Vênus, como cantor. Ele canta e as pessoas ficam maravilhadas. É claro que esse aspecto sedutor e encantatório, esse aspecto da beleza sensível, é um dos elementos estruturantes do Cosmos, basta ter olhos para ver. O indivíduo que conseguisse ele próprio seduzir a força sedutora da beleza cósmica se tornaria dono dela, como ele é o amante de Vênus, que se deixa possuir por ele. É como se você dissesse que o sujeito chegou no auge do que é possível dentro da civilização

cosmológica. Ele já é mais que um sacerdote de Vênus, ele é um amante, como Júlio César, que se dizia neto de Vênus. Se é neto de Vênus isso quer dizer evidentemente que o sujeito tem uma força sedutora sobre-humana, é uma força de natureza cósmica, como outros poderiam ser abençoados por Júpiter e ter dons mágicos. Júpiter é aquele que faz tudo ficar diferente do que era, você estala de dedos e o mundo vira. Pode ser abençoado por Marte, que é uma força destrutiva, como Átila, o Huno, ou Gengis Kahn.

Em suma, na medida em que a divindade se manifesta na natureza, no Cosmos, o ser humano pode se identificar tanto a um desses aspectos que ele se torna de certo modo o próprio braço de Júpiter, o olhar sedutor de Vênus, ou a própria espada de Marte, e assim por diante. Como Tannhauser tinha se transformado na voz de Vênus. Mas ele então sente um vazio e sente que precisa recuperar algo perdido, sente que há algo que ele não sabe o que é, mas que está faltando, e por isso ele quer voltar à Terra. Evidentemente Vênus se sente muito enciumada e promete vingança. Ela diz que se ele a abandonar toda a Terra se transformará num deserto, não haverá mais beleza. E, ao voltar à Terra, ele encontra seus antigos companheiros menestréis, que inclusive são personagens reais, históricos, e ele entra numa competição com eles para disputar a mão de uma princesa, que era uma princesa santa, uma alma pura, chamada Elizabeth. Ele entra na competição e então eles falam milhares de coisas de amor no sentido cristão e ele, então, se lembrando do que tinha aprendido com Vênus, diz que não é nada disso, que eles não entendiam, que o amor é idêntico ao próprio prazer, à sedução da carne, e todos ficam escandalizados e querem matá-lo. Querem matá-lo mas a princesa não deixa que o matem, ela diz que ele está enfeitado. A força cósmica se apossou dele. Então o mandam embora, não o matam. Acabaram por lhe dar uma chance de se redimir: teria que ir junto a um grupo de peregrinos que ia à Roma, teria que ir lá, pedir perdão ao Papa, e daí talvez ele voltasse a ser admitido na comunidade. Ele vai, faz toda a peregrinação até onde está o Papa, mas este o rejeita. *Você esteve em conúbio com Vênus, você não tem mais jeito, vai para o Inferno mesmo.* A princesa, quando vê que ele não volta entre os peregrinos que receberam o perdão de Roma, reza pedindo a Deus para morrer. Ela então morre rezando, pedindo perdão para ele, pedindo para que o Heinrich seja perdoado. E na cena final ela morre e, pela sua intervenção, ele, contrariando a maldição Papal, é salvo.

Tudo isso aí é o drama do quê? Da passagem da civilização cosmológica para a civilização do Deus Transcendente. Ele é um indivíduo que está de tal maneira integrado a essas forças cósmicas que personifica uma delas – ele possui Vênus. Portanto, ele possui a força encantatória de Vênus. Para ele obter aquilo de que ele sente falta, para preencher aquele vazio que ele tem, e este vazio é exatamente a conversa direta com Deus, não basta mais essa divindade cósmica, mas algo mais. Para isso ele precisa primeiro perder Vênus, portanto perder toda a beleza sensível, segundo, passar por uma série de misérias, inclusive ser condenado pelo próprio Papa, e a mulher que o ama tem que morrer. Tudo isso aí é a passagem traumática de uma civilização para a outra. Esse drama se repete inúmeras vezes no curso da história ocidental. Isso sou eu que estou fazendo um encaixe, isso não está no Voegelin, eu estou encaixando, mas é exatamente a mesma coisa. E para ilustrar o que eu vou dizer em seguida essa ópera é perfeita.

Por volta do século XII e XIII, no auge da filosofia escolástica, que ia desenvolvendo todos aqueles instrumentos lógicos e dialéticos, naturalmente a doutrina cristã começa a se expor em formas doutrinárias explícitas. Portanto, onde entra o explícito, entra o lógico e entra a separação nítida entre o que é verdadeiro e o que é falso, o que é certo e o que é errado. Quando antes havia uma espécie de lusco-fusco e uma passagem mais dinâmica de uma coisa à outra. Nesta delimitação surge então a distinção do sagrado e do profano, quando antes estava tudo misturado. E na delimitação há uma condenação do saber cosmológico próprio à fase anterior. É aí que vai para o brejo a astrologia, a alquimia, etc.. Na hora que isso vai para o brejo acontece que a ciência do Cosmos é o meio de atuação na realidade histórica. A História se dá dentro do mundo material. Então a Igreja conserva o núcleo da doutrina evangélica ao mesmo tempo em que joga fora os meios de atuação próprios da doutrina cosmológica, por não ter sido capaz de cristianizá-los. A passagem do cosmológico para o transcendente é vivenciada em termos de

tragédia, exatamente como em Tannhauser. Não fomos capazes de integrar o processo histórico, o processo cosmológico, dentro da história cristã, então nós o jogamos fora.

Dentro do estudo das disciplinas ascéticas, místicas, que eu estudei um tempinho, você vê que existem duas linhas técnicas. Uma que corresponde mais ou menos à arte da alquimia, consiste em você, com uma série de transformações muito lentas, muito sutis e muito delicadas, você ir transformando as próprias paixões em virtudes. Como diria Santo Agostinho, a matéria das virtudes é a mesma dos vícios. E a outra é a seguinte: quando o negócio está muito ruim, não dá para transformar nada, então você corta. E a Igreja nessa época opta por cortar. De certo modo ela se separa. Ao se separar ela conserva a sua santidade mas perde os meios de atuar no mundo, o que é exatamente a função dela. Então, diz o Voegelin, se a dimensão histórica entra na jogada justamente a partir dos profetas de Israel, então o fato de a Igreja não ter conseguido durante todo esse tempo uma filosofia da história é um verdadeiro escândalo intelectual. Porque ela não tem uma filosofia para o próprio campo onde ela está atuando.

Aluno: esse fechamento da doutrina numa forma doutrina explícita não perderia a noção de desconhecido?

É uma forma de alienação certamente. Não é isso explicitamente, mas tende a isso. Isso quer dizer que a doutrina católica vai se fechando num sistema que não tem mais como dialogar com o mundo em torno e vai seguindo a política do avestruz, ela não entende mais o que se passa e nem quer entender. Ou ela foge ou ela procura vencer pela força, como ela fez com a ordem jesuíta. A ordem jesuíta é uma tentativa de impor pela força – pela força das armas – uma ordem cristã.

No meio de tudo isso se perdem alguns elementos preciosos que no entanto estavam integrados na própria filosofia de São Tomás de Aquino. É curioso que em São Tomás de Aquino todo este mundo das ciências cosmológicas se integra harmoniosamente no conjunto cristão. Mas para você ter idéia de até que ponto isso se perdeu você vê que na edição da “Suma contra os Gentios” na internet, feita pelo Centro Jacques Maritain de Nova Iorque, todos os capítulos da Suma que tratam de astrologia foram suprimidos. Isso agora, não foi o Santo Ofício nem nada, foi o próprio instituto que fez isso. Por quê? Porque não sabe o que fazer com aquilo. Até hoje, para 99%, se você falar de astrologia ou alquimia é algo que vai escandalizá-los. Porque não tem como integrar, é exatamente a causa da progressiva retirada da Igreja do cenário histórico e hoje a causa de sua destruição.

Na medida em que a Igreja recua, abandonando esse campo de conhecimento, automaticamente começa a expansão do gnosticismo, porque ele se torna o herdeiro dessas ciências. E, além de se tornar o herdeiro beneficiário de todos esses conhecimentos, ainda há o fato de que, se a própria Igreja não é capaz de administrar o fenômeno da pululação de seitas heréticas, e se é necessário constituir um Estado leigo, fazendo com que as questões religiosas recuem para o domínio privado, então daí para diante tudo é possível em matéria de esquisitice doutrinal. Ao mesmo tempo, há outro fenômeno, que não foi citado pelo Voegelin, mas que deve ser enxertado aí: a partir do momento em que o Papa domina as universidades, após três séculos de disputas com os poderes locais, a classe nobre, monárquica, se vinga formando uma nova intelectualidade, palaciana, já não comprometida com a disciplina universitária, mais comprometida com a retórica, as belas letras e as novas ciências da natureza que vão surgindo, a qual intelectualidade se desenvolve também numa espécie de caos mental, onde cada um tenta partir do zero como Descartes e produz as coisas mais esquisitas que você pode imaginar. Por quê? Porque você perdeu o campo comum de diálogo. Na Idade Média havia um monte de discussões, mas as pessoas sabiam o que estavam discutindo. Se você queria entrar na conversa, teria que traduzir o que você pensava para os termos da linguagem da classe universitária. Mas aí

já não acontecia isso. Então, a partir daí, esses pensadores isolados recebem evidentemente todo o impacto da herança gnóstica e ela vai se tornando cada vez mais dominante, e quanto mais o mundo vai se afastando do cristianismo, evidentemente, mais perde a perspectiva do infinito, do Apeiron, e mais os mitos messiânicos passam a ser vivenciados em termos terrestres e históricos, sob a forma da promessa da sociedade perfeita que virá após uma grande penitência universal, sob a forma de uma revolução sangrenta. Está aí articulado o sistema.

Isso é mais ou menos o mundo de Eric Voegelin, preenchido aqui e ali com elementos tirados de outras fontes e de mim mesmo, para tornar a coisa lúcida. A própria natureza da obra de Voegelin exige que você complemente de alguma maneira ou de outra, porque ele arma a equação mas não coloca totalmente os elementos, então você tem que colocá-los. Exatamente como acontece com Aristóteles também. A única maneira de entendê-lo é você completar o raciocínio dele. Então está aí constituído.

Obs: HoPI = History of Political Ideas

OaH = Order and History